

Lamentação do escriba descoroçoado

Aqui estou eu, benevolente leitor, sentado à máquina, perto da meia-noite, a tentar cumprir o meu texto para amanhã de manhã. Que hei-de eu dizer, que hei-de eu inventar, se já nem sequer há bei em Tunes?

A bem dizer, o leitor não tem nada com isso. Pagou o seu jornal, tem direito a um texto, quer um texto. Reclamaria severamente, se este espaço lhe fosse fornecido em branco. E não levarei a mal se me disser, com voz cava e ar sombrio: «Homem, vá escrevendo, deixe-se lá de coisas, de galimatias... Ande-me mas é com isso!». Compromissos são compromissos. Eu vergo-me...

Mas, sabe?, há perto de ano e meio que, com maior ou menor regularidade, venho escrevendo estas coisas e chego a verificar, com uma melancolia abatida, que o mundo não mudou absolutamente nada por causa delas. Eu ironizo, eu brinco, eu aposto, eu indigino-me, eu aconselho, eu verberro, eu bramo, e o mundo... nada, na mesma, a descrever os

seus lerdos circuitos sem me prestar a mínima atenção.

Repare na rubrica que eu escolhi: «Eu diria que...». Anunciei que me tinha apropriado da locução e até creio que proferi umas maldades a respeito. Daí por diante, era de esperar que os dizedores públicos hesitassem antes de usar a expressão: «Alto, esta não, esta é daquele plumitivo obscuro do J. L...». E já me daria por vingado se ao menos adoptassem um «eu direi que...» sucedâneo. Qual quê! Tudo na mesma, como a lesma. Cada vez ouço mais «eu diria que...» na chamada comunicação social. Ah, que profundo suspiro, caro leitor, que eu agora soltei...

Às vezes vou-me consolando, tristemente, com exemplos venerandos. Olhe o profeta Jeremias: Jeremias sofreu, decerto, muito mais do que eu. Muitas vezes deve ter despedaçado a túnica no peito. Eu cá, confesso, ainda não rasguei roupa.

Imagino este Jeremias desalinhado, aos baldões pelas ruas de Jerusalém, num grande sarilhão de gestos magricelas, com

EU DIRIA QUE...

Mário de Carvalho



as vestes enodoadas, os cabelos empastados de poeira e sujidade, a barba ao vento, o nariz adunco a descair sobre os beiços grossos, tropejando, tropejando sonorosas diatribes que ecoavam pelos montes em volta e faziam peso na alma dos circunstantes.

Pode acontecer que isto seja um estereótipo meu. Se calhar, Jeremias não passava dum homenzito anafado, de cabelos gordurosamente perfumados de óleo de aloés, ditando as suas lamentações a um escriba, em vozinha débil, com um dedo gordo a coçar um nariz rechonchudo e outro a afagar as barbas encaracoladas.

Vá-se lá saber... Certo é que tinha a seu favor a inspiração divina, e ainda assim... Quanto mais eu...

Ah, esta mesquinha e lastimável ineficácia das palavras... E não me deixe, leitor, não me deixe falar do Demóstenes! Reprimamos antes um soluço.

Eu para ser franco não queria que os outros se moldassem ao meu feitio. Uma sociedade à minha imagem e semelhança seria por certo altamente defeituosa e sobejamente vulnerável à crítica. Aconselho mesmo o leitor, muito lealmente, a recusar com veemência qualquer proposta que lhe apareça de uma sociedade constituída à

minha imagem e semelhança. Neste particular identifico-me com o Groucho Marx: eu também não quereria viver lá.

Mas é tão poucacinha, tão insignificante, co'a Breca, esta reivindicação do «Eu diria que...» que se me afigura sinal de maldade sádica e prepotente o não ma concederem...

E daquela vez em que eu investi contra os tecnocratas mala sua linguagem? Algum tecnocrata vacilou? Há notícia de algum engenheiro arrependido? Nicles! Malogro total.

E quando eu brami contra os locutores que espezinham a Língua? Houve algum resultado? Houve algum que tivesse queimado as pestanas a compulzar os prontuários? Organizou-se algum grupo para ir receber aulas à Sociedade de Língua Portuguesa? Nada. Mui ao contrário a Televisão incrementou alegremente a sua recreação da Língua, esclarecendo que o Marquês de Pombal era um despota iluminado (isto numa rubrica de livros), que certo dia era aziago e que, lá para o Mar Vermelho existe

uma terra chamado Ei'dn...

Se eu fosse vaidoso, era capaz de me convencer de que (ah, os tratos que vêm sofrendo estes de que...) as minhas modestas crónicas tinham sido era contraproducentes. Mas, bem vistas as coisas, sou um homem de bem, não tenho inimigos, nunca mereceria tanta perfídia...

É dito isto, leitor, assim muito em jeito de sopa de pedra, já vejo aproximar-se, linha a linha, o fim da página, baliza para este espaço. Pronto, temos crónica, caronicam habemus. Habilidade? Será, mas convidado-a a desconfiar comigo dos habilidosos...

Não quero ir-me sem lhe confiar que continuarei, cá destes desvãos a pregar à solta. Não como o outro que vozeirava no deserto para multidões, depois de se alambazar de gafanhotos, dieta seguramente proteica, mas pouco apetitosa, mas como um conviva sossegado, discreto, um tanto gago, que conversa por conversar...

E agora, desculpe, é tempo de dar o título à crónica. ■

Afinal, Tailhade gosta de Teatro...

Acerca de declarações suas ao JL segundo as quais «o teatro é uma coisa muito chata e a culpa é das pessoas que o fazem», Jean-Pierre Tailhade faz questão de tornar público o seguinte esclarecimento:

«... gostava de fazer um lista (incompleta, porque vou pouco ao teatro em Lisboa e nunca na província) dos grandes espectáculos de teatro (que me vêm à memória agora) que me marcaram aqui em Portugal e que me deram força para continuar a acreditar no teatro. E, insisto, os grandes e, já agora, de nível internacional».

Por ordem totalmente arbitrária: 'As três irmãs' e 'Tio Vânia', com os amadores da Trafaria e do Teatro da Caixa (aliás, não sei muito bem qual a diferença entre amadores e profissionais; um profissional seria alguém que vive do seu ofício. Ora, alguém viverá aqui do teatro?). 'O sonho' de Strindberg com os amadores do TEUC de Coimbra, encenados também pelo Rogério de Carvalho; 'A dança dos espectros' do mesmo Strindberg, pela Cornucópia; 'Doce inimigo', com os estudantes da Universidade Técnica encenados pelo Listopad; 'Feliz Natal Avozinha', com a Ivone Silva, dirigida pelo Carlos Fernando; todas

as coreografias de Olga Roriz (para mim é teatro puro); 'Oratória', da Cornucópia; 'A crónica dos bons malandros', pelo Fatias de Cá de Tomar, dirigido pelo Carlos Carvalheiro; 'Casimiro e Carolina', pela Cornucópia; 'Os amores de Belise e de Don Perlímpimplin...' de Lorca, encenado pelo Nuno Carinhas; 'Karkoteka', da Contra-regra, dirigida pelo Antonino Sommer; 'A Mãe', de Witkiewicz, do Teatro Experimental de Cascais, pelo Carlos Azeite; 'A ode marítima', pelo João Grosso; 'O anúncio' de Claudel do Teatro nacional, dirigido pelo Listopad; 'O parque', de Botho Strauss, pela Cornucópia; 'Nós de um segredo', pelo Bando dirigido pelo João Brites; 'A Ceia' da Comunidade, e muitos mais, com certeza, que não me vêm à memória neste instante, sem falar dos 'bocados' de espectáculos dos quais eu fiz parte e que pude também apreciar dos bastidores: 'O Bão' de João Mota; a cena da família que vai ao futebol no 'Fogo' da Comunidade; a Fernanda Neves do 4.º acto da 'Gaiota' do Teatro do Mundo dirigido pelo Rogério de Carvalho; e a Manuela de Freitas na 'Mãe' da Comunidade e também no 'Terramoto no Chile', do Teatro do Mundo, dirigido pelo Michel Mathieu...

DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS

Alice Vieira: 'Tenho um biombo com fotografias coladas...'

Jornalista — coordena o suplemento «O Catraio» do «Diário de Notícias» —, autora de livros infantis — como, por exemplo, Rosa, minha irmã Rosa, Lote 12, 2.º Frente e A espada do Rei Afonso —, fez há uma semana 45 anos. Meninas e meninos, eis... Alice Vieira.

P. — «Onde está a felicidade?»

R. — Onde nós a procuramos e, às vezes, a encontramos.

P. — Gosta mais de partir ou de chegar?

R. — Depende de onde se parte e onde se chega. É bom partir de casa pela manhã, é bom chegar a casa pelo começo da noite. O pior é o que se passa pelo meio.

P. — Quando era pequena, o que é que não queria ser quando fosse grande?

R. — Não queria ser criança. Bastou — que remédio — tê-lo sido.

P. — O amor tem sinónimos? Quais?

R. — Não há na natureza duas coisas iguais; por isso, nada tem sinónimos, a não ser nos dicionários. Mas que há por aí muita gente à procura de um sinónimo de amor, isso há. E o pior é que, às vezes, até pensam que o encontram.

P. — Com que é que costu-



ma sonhar?

R. — Por acaso também gostava de saber, porque me esqueço de tudo assim que acordo.

P. — Qual seria a primeira medida de um governo seu?

R. — É problema que não se me põe, dado que nunca por nunca estarei em governo algum; nem sequer na ilha da Baratária.

P. — Os adultos são crianças grandes?

R. — Para mal dos nossos pecados, ainda há quem pense que sim.

P. — Se tivesse de colar uma

fotografia no seu espelho, de quem seria?

R. — Não gosto de espelhos e tenho poucos em casa. Mas tenho um biombo com fotografias coladas. Quer saber de quem? Do Clark Gable, do Rudolfo Valentino, do Gérard Philippe, do Kennedy e do Hemingway. (Se os psiquiatras lêem isto, estou feita).

P. — Já alguma vez disse: «Tão amigos que nós éramos?»

R. — Algumas. Mas tenho a certeza de ter dito muito mais vezes o contrário: «Tão inimigos que nós fomos.»

Carlos Vaz Marques

A FECHAR

— Fecha o rádio, pedi ao coelhinho, que selvaticamente sintonizava, quase em simultâneo, várias estações possíveis, ouvindo o jogo de hóquei de Paço d'Arcos, uma preleção sobre o reumatismo e os conselhos de não virar as costas à caspa. Talvez por tudo isso não tivesse ouvido o que eu havia rogado. Repeti então num tom acima que fechasse a telefonia: estou a escrever uma crítica.

— Boa? perguntou, o silêncio finalmente instalado.

— Boa, quê?

— A crítica.

— Nem boa, nem péssima, respondi distraído, concentrado no meu dever.

— Se não for bem boa e longa, então não és amigo do autor.

— Por acaso sou. Uma coisa não tem a ver com outra.

— Pois não. Como é que não tem? Então para que servem os amigos?

Parei no meio da frase. E se esta alma simples afinal tivesse razão? Deitei fora o que já tinha escrito e recomencei. É isso mesmo. Assim se faz. Amigos, amigos, crítica não à parte. Páscoa Feliz!

Jorge Listopad

